

A Juventude Revolução - IRJ é uma organização política de jovens que luta contra a exploração, a opressão e a guerra e pelo socialismo no Brasil e no mundo. Surgimos da necessidade que todos os jovens tem de lutar pelos nossos direitos. Somos aderentes da Internacional Revolucionária da Juventude (IRJ) organização que reúne jovens de mais de 25 países.

Lutamos pelo direito da juventude ter um futuro de verdade sem guerras, drogas e violência.

Queremos emprego, educação, esporte, diversão e arte! Por isso rejeitamos o capitalismo, sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção, que explora e oprime os trabalhadores e a juventude.

Os objetivos da Juventude Revolução - IRJ são:

- I - lutar pela união da juventude na luta por suas reivindicações;
- II - lutar contra as guerras e a exploração;
- III - lutar contra as drogas e o narcotráfico;
- IV - combater pela independência das entidades estudantis;
- V - defender a educação pública e lutar pelo acesso a diversão e arte;
- VI - lutar contra a destruição do meio ambiente
- VII - lutar pelo fim da propriedade privada dos meios de produção.

CONHEÇA A JUVENTUDE REVOLUÇÃO - IRJ!

Juventude
REVOLUÇÃO



ADERENTE DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE

www.juventuderevolucao.org

ADERENTE DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE



Juventude
REVOLUÇÃO



2º ENCONTRO CONTINENTAL

**“PELA SOBERANIA NACIONAL, CONTRA
OS TRATADOS DE LIVRE COMÉRCIO E
AS PRIVATIZAÇÕES”**

Cidade do México,
4-6 de abril de 2008

PREÇO: R\$2,50

**COLEÇÃO CADERNOS DA
JUVENTUDE REVOLUÇÃO - IRJ**

Maio de 2008

Conclusões do 2º Encontro Continental, pela Soberania Nacional,
contra as Privatizações, os Tratados de Livre Comércio e realizado
no Mexico.

Produzida pelo Conselho Nacional da Juventude Revolução - IRJ

JUVENTUDE REVOLUÇÃO

ADERENTE DA INTERNACIONAL REVOLUCIONÁRIA DA JUVENTUDE (IRJ)

ENTRE EM CONTATO:

contato.jr.irj@gmail.com • www.juventuderevolucao.org

© Copyleft – É permitida a reprodução parcial ou total
desta obra desde que mantida os créditos e esta nota.

Ninguém tentará diminuir a extrema importância de viver num estado de direito. Ninguém contestará a necessidade de obter um mandato de prisão apropriado antes que a corte apropriada peça a prisão do acusado e o envie à justiça. Mas um mandato de prisão coletivo que declara uma comunidade inteira criminosa é, em si, criminoso.

Presidente Lula da Silva, o que você diria a Fredi Romelus por sua perda terrível? Seu filho de um ano, Nelson Romelus. Qual foi seu crime? Por que ele foi executado pelos seus soldados? Seu irmão de quatro anos, Stanley, que morreu por causa de um ferimento na cabeça causado por uma poderosa arma de fogo? Sua mãe, Sonia Romelus, morta quando ainda abraçava seu bebe, Nelson, qual é o seu crime?

Lelene Mertina, 24 anos, estava grávida de seis meses quando uma bala atravessou seu ventre, matando instantaneamente o feto. Do que era culpada para merecer isso?

Presidente da Silva, segundo o relatório da ONU depois de um combate, os seus soldados passaram 7 horas atirando sobre uma população desarmada. Eles gastaram 22.000 cargas de munição, sabendo que visavam alvos sem motivo. Não é possível que seja isso o melhor que o povo brasileiro tem a oferecer. Como isso pode ocorrer enquanto é você o presidente do Brasil?

O Dr. Martin Luther King Jr. nos lembrou que chega um momento em que o silêncio é uma traição. E você e seu governo ficarão silenciosos sobre essas atrocidades?

5 de abril de 2008,
2º Encontro Continental,
Cidade do México

Davi Josué

Militante haitiano, membro da Coalizão
«Power to the People» (Poder para o Povo)
pela eleição de Cynthia McKinney Presidente dos EUA”

CONCLUSÕES DO 2º ENCONTRO CONTINENTAL

Nos dias 4, 5 e 6 de abril realizou-se o 2º Encontro Continental na cidade do México com a participação de 283 delegados de 8 países do continente americano (México, Estados Unidos, Brasil, Equador, Perú, Porto Rico, Guadalupe e Haiti), representando organizações de trabalhadores, camponeses e jovens e do Acordo Internacional de Trabalhadores (ver anexo). O Encontro deu-se num momento em que as nações e os trabalhadores do continente sofremos uma ofensiva sem precedentes, em especial através da aplicação dos tratados de livre comércio e ameaças de guerra.

Diante dessa ofensiva, os povos dizem “basta!”, como demonstram os numerosos movimentos que se dão em todo o continente, greves, manifestações de rua, eleições etc. Os povos dizem que “a pátria não se vende, a pátria se defende!”, “o petróleo é dos povos, não das empresas imperialistas!”, “o gás é da Bolívia!”, “¡sin maíz no hay país!” (“sem milho não há país”), “seguridade social, patrimônio nacional!”, “defesa das empresas nacionalizadas!”, “defesa da Pemex!” (Petroleos Mexicanos, estatal), “não à guerra, unidade da nação!”. Por todas estas razões os povos dizem “**NÃO AOS TRATADOS DE LIVRE COMÉRCIO**” que destroem as bases materiais da soberania e unidade das nações, que levam à negação de todos os direitos dos trabalhadores e povos.

A resistência oposta pelos povos do continente à política de desmantelamento da soberania nacional e dos direitos do povo trabalhador manifesta-se claramente:

- No processo revolucionário que se dá na Venezuela. Apoiamos incondicionalmente todas as medidas do governo venezuelano que visem recuperar o controle de seus recursos naturais, de defender a PDVSA, de avançar na nacionalização na siderurgia, no

cimento (particularmente a Cemex, empresa privada mexicana que detinha cerca de 50% do mercado nesse país) etc., defender a unidade e soberania da nação. A meta central do governo dos EUA é a de acabar com o processo revolucionário na Venezuela para assegurar seu domínio no continente.

- Nos processos que se dão na Bolívia e Equador, onde se arancam conquistas de soberania nacional e, por isso, estão também ameaçados pelas forças que se submetem ao governo dos EUA, da mesma forma que estão ameaçadas a soberania e as conquistas do povo cubano. Por isso a exigência de fim imediato do bloqueio de Cuba é mais vigente que nunca!

- No movimento de resistência em defesa da Pemex no México, promovido pela Convenção Nacional Democrática, a Frente Nacional em Defesa do Petróleo e o Governo Legítimo presidido por López Obrador, que está formando comitês em todos os estados e numerosas Brigadas em Defesa do Petróleo.

- Na luta do povo negro dos EUA contra a política de limpeza étnica que leva a cabo o governo Bush, a pretexto do furacão Katrina em Nova Órleans, o que mostra o futuro que reserva o governo dos EUA a todos os povos do mundo, inclusive seu próprio povo.

- Na luta do povo dos EUA contra a guerra, contra o TLCAN (Nafta, tratado de livre comércio da América do Norte) e contra a criminalização dos imigrantes que, em 1º de Maio de 2006 saíram às ruas aos milhões nas grandes cidades.

- Na luta que se dá no Brasil contra as privatizações, em defesa do petróleo e pela retomada para o patrimônio nacional da companhia Vale do Rio Doce.

- No movimento no Peru em que os trabalhadores anunciam uma paralisação nacional contra o TLC e as privatizações decretadas pelo governo de Alan Garcia seguindo ordens do FMI.

A RESISTÊNCIA CRESCE DE NORTE A SUL DO CONTINENTE. MAS POR QUE OS POVOS SE COLOCAM EM MOVIMENTO?

No caso do México, os delegados locais responderam a essa pergunta com os seguintes dados:

CARTA DE DAVI JOSUÉ AO PRESIDENTE LULA, LIDA NO 2º ENCONTRO CONTINENTAL DO MÉXICO

Publicamos em anexo a esse caderno, a carta do militante haitiano Davi Josué ao presidente Lula.

Josué é advogado e está exilado nos EUA. Ele participa da coalização “Power to the People” (Poder para o Povo) pela eleição da militante negra Cinthya McKinney à presidente dos EUA.

A presente carta foi lida no plenário do II Encontro Continental contra os Tratados de Livre Comércio, as privatizações e pela soberania das nações realizado na primeira semana de abril no México e entregue para a delegação brasileira.

No seu relato podemos perceber a dura realidade que o povo haitiano tem com a permanência das tropas da ONU, comandadas pelo exército brasileiro.

“PRESIDENTE LULA DA SILVA,

Alguma coisa desonesta se passa com os seus soldados no Haiti. Os soldados brasileiros fazem “raides” terríveis contra os habitantes de comunidades pobres e sem defesa no Haiti, deixando em sua esteira um rastro de sangue, lágrimas e mortes. A responsabilidade repousa em você, Presidente da Silva. Você é o seu comandante-em- chefe.

O que fazem os seus soldados ao povo inocente do Haiti é pior do que as forças armadas do Haiti foram acusadas de fazer.

- **Luis Mesina**, Secretário Geral da Confederação Bancária do Chile

O 2º Encontro Continental convida todas as organizações da cidade e do campo, as organizações sindicais, políticas e sociais que se manifestam em defesa da soberania nacional, da paz e em defesa dos direitos dos trabalhadores e suas organizações a apoiar a convocatória e a unir-se ao comitê organizador do Encontro Mundial.

NOTA:

(1) Membros da delegação equatoriana expressaram as seguintes demandas: caducidade do contrato com a Petrobrás, respeito aos direitos fundamentais e universais estabelecidos na constituição equatoriana tais como: contratação coletiva, direito à liberdade de associação, direito à estabilidade laboral, rechaço à proposta do Ministério do Trabalho do Equador com respeito à pretensão de dividir os trabalhadores e eliminar as organizações sindicais, solução para o caso dos aposentados de EMELEC e PetroEcuador, defesa de PetroEcuador.

- Um delegado da União Nacional de Trabalhadores Agrícolas manifestou que milhões de camponeses não podem cultivar a terra por causa da abertura do mercado ao milho e feijão provenientes dos EUA.

- O mesmo delegado acrescentou que o TLCAN é a causa da expulsão maciça de camponeses de suas terras, dos 29 mil migrantes que anualmente iam aos Estados Unidos na década de 1960, chegou-se a 455 mil em 2006.

- Outros delegados expressaram que a população mexicana é profundamente prejudicada pelos aumentos de preços nos produtos básicos que são impostos num momento em que o governo usurpador busca entregar a Pemex às multinacionais petroleiras, sendo que esta empresa aporta 40% dos ingressos do Estado!

- Delegados do Sindicato de Mineiros e Metalúrgicos expressaram que o governo nega o direito de greve e de sindicalização. Os professores da Seção 22 do SNTE-CNTE explicaram que a contra-reforma do ISSSTE (Instituto de Seguridad Social), que em 1º de abril passado cumpriu um ano, aumenta em muitos anos de serviço o tempo necessário para se obter uma pensão completa e entrega os fundos de pensão para os bancos multinacionais (Citigroup, BBVA, Santander etc.).

Delegados dos Estados Unidos explicaram, de sua parte, que na primeira potência do mundo:

- O migrante que busca um emprego para viver e que só pede o “direito a não emigrar”, enfrenta “fronteiras militarizadas”, “maquiladoras” (fábricas em zonas francas), pelo fato que os tratados transformam todas as regiões em “zonas livres”. Centenas de milhares deles são classificados como “trabalhadores-hóspedes”.

- Em Nova Órleans, os governos federal, estadual e municipal aplicaram uma política de “limpeza étnica” quando do furacão Katrina “para modificar a relação de forças expulsando a maioria negra” e, desse modo, tornar possível que fosse eleito “o primeiro governo municipal com maioria branca desde 30 anos, cujo primeiro ato foi aprovar a destruição de milhares de habitações sociais”. Desta maneira, e sobre a base da negação do direito ao retorno para a população deslocada do Estado pelo furacão, a Luisiana se converteu no “primeiro Estado em que o sistema educacional está sendo completamente privatizado”.

- Contra o mandato que receberam os Democratas de “fim à guerra!”, ao ganhar as eleições de 2006, eles aprovaram os créditos para prosseguí-la. Como explicou Cynthia McKinney, candidata à presidência dos Estados Unidos pela coalizão “Power to the People”, apoiada pelo Comitê Nacional de organização do Partido da Reconstrução, “o combate pela justiça e dignidade exigia a crítica não só do Partido Republicano, mas também do meu partido. Finalmente, depois de ter visto o partido ajudar e impulsionar os crimes do governo Bush contra a humanidade e a paz, deixei o Partido Democrata”.

Delegados de outros países do continente manifestaram tantos outros fatos que demonstram o mesmo fenômeno:

- O povo equatoriano, sobre o qual pesa “a ameaça de guerra desde a agressão do exército colombiano”, sente “uma grande inquietação acerca da água potável, que está sendo privatizada. A água é um elemento vital, nas mãos das multinacionais só serviria para aumentar os lucros dessas empresas”.

- No Brasil os trabalhadores do setor público enfrentam a ameaça de liquidação dos serviços públicos, depois de terem sofrido a contra-reforma da previdência que reduziu seus direitos. Por outro lado, o governo segue pagando a dívida externa num momento em que os habitantes do Rio de Janeiro sofrem uma epidemia de dengue por falta de serviços públicos de saúde.

- O povo do Haiti, ocupado por forças militares da ONU comandadas por oficiais brasileiros, está jogado na barbárie. O 2º Encontro Continental apóia plenamente a carta ao presidente Lula redigida pelo companheiro haitiano David Josue em que diz: “Senhor Lula, o que o senhor poderia dizer ao cidadão Fredi Romelus pela irreparável perda representada pela morte de seu filho, Nelson Romelus, de um ano de idade? Qual foi o crime do menino? Por que foi executado por soldados dos quais o senhor é comandante?”.

Os delegados destacaram que a ofensiva contra os povos e os trabalhadores prejudica particularmente os jovens:

- Em todos os países o desemprego aumenta e as condições de vida são tão precárias que todo futuro aparece fechado para os jovens. A juventude é jogada na droga e prostituição.

- Os jovens são as primeiras vítimas da guerra. Nos Estados

CNTE (México)

- **Cynthia McKinney**, candidata independente à presidência dos EUA e promotora do Partido da Reconstrução (Estados Unidos)

- **Cindy Sheehan**, “Gold Star Mother”, militante anti-guerra e candidata a deputada federal (Estados Unidos)

- **Salomé Herber Aguilar**, Secretário de Conflitos Sociais e Moradia do Sindicato Nacional de Trabalhadores Mineiros, Metalúrgicos e Similares da Republica Mexicana (SNTMMSRM)

- **Kali Akuno**, Movimento “Malcolm X Grassroots” e “Peoples Hurricane Relief Fund” (Estados Unidos)

- **Baldemar Velasquez**, Presidente do Comitê Organizador de Trabalhadores Agrícolas, FLOC/ AFL-CIO (Estados Unidos)

- **Luis Vázquez Villalobos**, Comitê Organizador do 2º Encontro Continental (México)

- **David Josue**, “Pour Mes Freres et Sœurs” (Haiti)

- **Marc-Antoine Poinson**, Partido Operário Socialista (Haiti)

- **Al Rojas**, Frente de Mexicanos no Exterior (Estados Unidos)

- **Tiffany Burns**, Camp Casey Peace Institute (Estados Unidos)

- **Alan Benjamin**, Open World Conference Continuation Committee (Estados Unidos)

- **Fernando Ferro**, deputado federal, Partido dos Trabalhadores (Brasil)

- **Markus Sokol**, membro do Diretório nacional do PT (Brasil)

- **Antonio Carlos Spis**, Federação Única dos Petroleiros (FUP); membro da Direção Executiva nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT-Brasil)

- **Julio Turra**, membro da Direção Executiva nacional da CUT (Brasil)

- **Ramiro Guerrero C.**, presidente do Comitê de Empresa dos trabalhadores de Petro-comercial (Equador)

- **Elie Domota**, Secretario-Geral da União Geral de Trabalhadores de Guadalupe.

- **Aarón Hernández Jarillo**, Frente de Trabalhadores da Energia (México).

manifestaram-se “contra a política de destruição, guerra e privatização”. Política que recentemente levou à proclamação da pretensa “independência” do Kosovo, à qual os reunidos em Çaçak opõem a união livre dos povos da região e a “defesa, reconquista e re-nacionalização das empresas e riquezas privatizadas”.

- Em Mumbai, Índia, ocorreu em 19 e 20 de janeiro de 2008, o Encontro Asiático com militantes da Índia, Bangladesh, Paquistão e China “em defesa da paz; do direito das nações à livre determinação e pela independência do movimento operário face à ‘governança mundial’, e em defesa da propriedade social ameaçada na China”.

Nos três encontros se colocou a necessidade de realizar um encontro mundial para discutir a forma para enfrentar-se a ofensiva que sofrem os povos e nações e para trabalhar pela unidade dos processos de resistência em escala internacional.

Por essas razões o 2º Encontro respalda a convocatória ao Encontro Mundial Aberto “pela paz, contra a guerra, pela democracia e justiça social, contra a exploração, pela independência das organizações e pela soberania das nações”, que poderia realizar-se na cidade de Nova York (ver anexo).

Tal iniciativa foi proposta “em comum pela Seção de Nova York do Conselho para o Avanço dos Trabalhadores da América Latina (NY-LACLA, sigla em inglês), pelo Acordo Internacional dos Trabalhadores (AcIT) e pela Convenção Nacional Democrática (CND) do México”, e seus primeiros apoiadores, que formam o comitê organizador provisório, são:

- **Claudia Sheinbaum Pardo**, Comissão Nacional em Defesa do Petróleo (México)
- **Daniel Gluckstein**, Coordenador do Acordo Internacional de Trabalhadores e Povos
- **Eduardo Rosario**, membro do Comitê Executivo do NYC-LC-LAA (Estados Unidos)
- **Piô López Obrador**, Convenção Nacional Democrática, Chiapas (México)
- **Jaime Eduardo Alcívar**, Deputado Constituinte, Equador
- **Nivardo Rodríguez Morales**, pela Seção 22 -Oaxaca, do SNTE-

Unidos, numa situação em que os “filhos da classe trabalhadora têm cada vez menos acesso às universidades” que são cada vez mais caras e estão ameaçadas de destruição devido a cortes de verbas, sob pretexto de financiar a guerra, “os jovens negros e latinos são procurados por recrutadores do exército para enviá-los a matar seus próprios irmãos oprimidos”, e por sua vez serem mortos. Essa é a realidade que no 2º Encontro nos recordou Cindy Sheehan, cujo filho morreu há quatro anos no Iraque. Ela luta sem trégua pelo fim da ocupação e pela retirada imediata de todas as tropas.

- No México “a educação pública é ameaçada pelo Tratado de Livre Comércio”, o que se manifesta na privatização da escola, redução de matrículas e das verbas no ensino público, e pela entrada de multinacionais nesse setor.

Assim, as intervenções dos delegados demonstraram que os trabalhadores e as nações são vítimas da aplicação dos tratados de livre comércio impostos sob todas as formas pelo governo dos Estados Unidos. Depois do fracasso da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), ele decidiu levar adiante sua política “por todos os meios”, começando pelos tratados bilaterais.

No momento em que a crise imobiliária (dos créditos hipotecários), convertida numa crise financeira, tende a converter-se numa crise econômica generalizada, o governo dos Estados Unidos quer que os povos carreguem o peso dessa crise para permitir aos especuladores recuperar os trilhões de dólares perdidos nos mercados financeiros entre meados de 2007 e março de 2008. Por isso considera necessário ir mais fundo no desmantelamento da soberania das nações, submetendo seus recursos naturais e seus povos à uma pilhagem desenfreada e á uma impiedosa exploração.

Como disse um delegado: “Com os tratados de livre comércio pretende-se eliminar todos os direitos e privatizar todas as empresas públicas”. Sim, com os TLCs, o governo dos Estados Unidos quer liquidar os direitos soberanos dos povos, os direitos democráticos e os direitos conquistados pelos trabalhadores com suas organizações independentes.

Mas, mesmo considerando que a política desse governo se opõe frontalmente aos povos e aos trabalhadores, não identificamos o governo dos Estados Unidos com o povo desse país. Os tra-

balhadores e jovens dos Estados Unidos têm os mesmos interesses que os trabalhadores e jovens de todo o mundo, como demonstram os informes apresentados pelos delegados estadunidenses neste encontro. Eles também são vítimas dos tratados de livre comércio e da política de guerra.

No México, a experiência de 14 anos de vigência do TLCAN provocou a destruição do campo mexicano e a emigração de milhões de mexicanos para os EUA, e levou à redução de direitos, empregos e salários dos trabalhadores mesmo nos Estados Unidos. Essa política se aprofunda com o ASPAN (Acordo para Segurança e Prosperidade da América do Norte) e com a chamada Iniciativa Mérida. O ASPAN significa a privatização total da Pemex, do setor elétrico e da água, o desmantelamento da seguridade social e uma contra-reforma trabalhista, além da militarização e criminalização dos movimentos sociais sob pretexto da “luta contra o narcotráfico e o terrorismo”.

Com a abertura total do mercado de grãos, tal como exige o TLCAN desde 1º de janeiro de 2008, e a privatização da Pemex, estão em jogo todas as conquistas históricas da revolução mexicana. No momento em que se comemora o 70º aniversário da expropriação das empresas petrolíferas estrangeiras, no momento em que “os excedentes petrolíferos são de cerca de 20 bilhões de dólares, dinheiro de sobra para instalar as três refinarias que necessita o país”, como informou na abertura do 2º Encontro Claudia Sheinbaum, coordenadora nacional da Frente Nacional em Defesa do Petróleo, o governo de Calderón pretende abrir as portas da Pemex para as empresas petrolíferas estadunidenses e espanholas. Sheinbaum acrescentou que “elas são chamadas de alianças estratégicas ou de autonomia de gestão, mas a orientação fundamental é a intervenção do capital privado, especialmente estrangeiro”.

Sim, nós afirmamos que se trata da submissão de todas as nações aos ditados do governo dos EUA. Esta é a verdadeira função dos tratados de livre-comércio.

No Iraque, no Afeganistão, em países do continente africano, nos Balcãs, essa política se expressa como uma política de guerra. Agora Bush lança ameaças de guerra em nosso continente, como se viu na violação da soberania do Equador, executada pelo exér-

cito colombiano, quando foram assassinadas mais de 40 pessoas, dentre elas quatro jovens estudantes mexicanos. Uma ação que foi amplamente rechaçada pelos povos e trabalhadores do continente, como se expressou na reunião de preparação do 2º Encontro realizada em Quito, Equador, em 6 de março, da qual emanou uma declaração que diz: “Fora as mãos belicistas dos EUA da Colômbia, Equador e Venezuela! Os trabalhadores e povos querem a Paz, não à guerra!”

Diante da ofensiva do governo dos EUA e diante dos tratados de livre comércio existe uma necessidade urgente: forjar juntos a unidade dos trabalhadores e povos em defesa da paz, da soberania e das conquistas democráticas!

Para resistir, trabalhadores e povos precisam que “seus direitos fundamentais sejam respeitados”, especialmente “o direito à liberdade sindical, o direito a uma constituição que inclua a igualdade de direitos”, e defender suas organizações independentes (1).

O 2º Encontro Continental decidiu ajudar a forjar essa unidade da luta contra a política de destruição imposta aos trabalhadores e povos de todo o continente. .

Para tanto, nos atos de 1º de Maio convocados pelas organizações sindicais, sociais e populares, participaremos sobre a base dos lemas do 2º Encontro Continental, inclusive nos Estados Unidos onde o Sindicato Internacional de Estivadores da Costa Oeste (ILWU) convoca uma paralisação de 8 horas (a data não é feriado, NdT) contra a guerra no Iraque. Também nos EUA se convoca uma grande Marcha Nacional em defesa dos direitos dos imigrantes.

Como se disse na sessão de abertura do 2º Encontro, o continente americano não é o único que sofre essa ofensiva, e tampouco somos os únicos que buscam organizar a resistência unitária.

- Em Paris, França, em 2 e 3 de fevereiro realizou-se o Encontro Europeu contra a União Européia, máquina de guerra contra os direitos trabalhistas, contra a seguridade social e contra a existência de nações soberanas nesse continente. Ele pronunciou-se por “Não ao Tratado de Lisboa” que aplica a Constituição Européia rechaçada em 2005 pelos povos francês e holandês.

- Em Çaçak, na Sérvia, reuniram-se em 27 e 28 de outubro de 2007 militantes operários da ex-URSS, Europa do Leste e Balcãs, e